



## A quem pertence o furo de reportagem? Uma reflexão sobre a narrativa do caso Joesley Baptista e Temer<sup>1</sup>

Fabiano Ormaneze<sup>2</sup>  
Duílio Fabbri Júnior<sup>3</sup>

### Resumo:

A partir do furo de reportagem do jornalista Lauro Jardim, que divulgou, em 17 de maio de 2017, detalhes sobre grampos que o empresário Joesley Baptista fez de contatos com o presidente Michel Temer e com o senador Aécio Neves, este trabalho reflete sobre a configuração do furo jornalístico em tempos de convergência midiática. A análise descritiva de depoimentos e entrevistas do próprio jornalista sobre o processo de decisão para a veiculação da notícia, bem como dos *posts* no blog mantido pelo jornal *O Globo*, demonstra que, numa rede em que são diversas as possibilidades de veiculação, a escolha da melhor plataforma, do horário e da forma como as informações serão transmitidas altera o sentido tradicionalmente atribuído à noção de furo de reportagem que, para além do imediatismo e do ineditismo, incorpora elementos estratégicos de logística e de negócios. A análise demonstra ainda que, pela repercussão, por todos os atores envolvidos e pela maneira como os elementos foram alinhados ao longo de semanas, o furo constitui-se também a partir de uma narrativa em que o jornalista responsável pela informação foi colocado como um dos protagonistas da história.

**Palavras-chave:** furo de reportagem; narrativa; comunicação em rede.

### INTRODUÇÃO

Se a notícia é a unidade atômica do jornalismo, o furo de reportagem é, certamente, sua principal forma de potencialização, uma vez que, nessa circunstância, encontram-se algumas das características mais nobres da prática cotidiana da atividade: factualidade, ineditismo, atualidade, originalidade, imediatismo e relevância. Além disso, se os fatos cotidianos não se

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no GT “Rotinas Produtivas na Era Digital” do 8º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), de 27 a 29 de setembro de 2017.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela PUC-Campinas; Especialista pelo Centro Universitário de Blumenau (Cesblu/ABJL). Mestre e doutorando pela Unicamp. Professor da PUC-Campinas. E-mail: [ormaneze@yahoo.com.br](mailto:ormaneze@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo pela PUC-Campinas; Especialista e mestre pela Faculdade Cásper Líbero; Doutorando pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisador dos grupos Labor e Geminis na mesma universidade. E-mail: [juniorduilio@uol.com.br](mailto:juniorduilio@uol.com.br).

dividem, naturalmente, entre “jornalísticos e não jornalísticos”, como problematizou Abramo (2004), para que eles carreguem o epíteto de “furo”, são necessárias, além do julgamento de alguém sobre seu caráter noticioso, características que permitam identificá-los como urgentes e de alta relevância para o interesse público, a ponto de fazer com que determinado veículo se dedique à investigação e queira, por razões que passam também pelos aspectos comerciais e ideológicos, noticiá-los antes dos concorrentes. Sem essas características, não há furo. Há apenas notícia. Dito de outro modo: no furo, há o ápice dos critérios de noticiabilidade, ou seja, a capacidade de os fatos transformarem-se em notícia, de acordo com valores agrupados por Wolf (2002) – critérios substantivos, relativos ao produto, ao meio de comunicação, ao público e à concorrência.

Embora se possa prever que todo jornalista procure pelo furo, cada vez mais, na realidade das redações, ele é menos praticado. Já no final dos anos 1970, Gans (apud WOLF, 2002, p. 214) alertava para o fato, alegando que a “os *mass media* têm correspondentes, virtualmente, nos mesmos locais” e que isso diminuía a possibilidade de alguém chegar com uma notícia primeiro do que os outros. No atual contexto do jornalismo, características como a convergência, a pluralidade de mídias, o crescimento da instantaneidade, o fortalecimento das redes, a atuação do chamado jornalista cidadão<sup>4</sup> e, por outro lado, a crise dos modelos tradicionais e o enxugamento das redações dificultam que furos de reportagem tenham o mesmo peso e durabilidade que antes.

O critério noticioso da concorrência, como defende Wolf (2002), perde a força quando, por exemplo, segundos depois de ser noticiado por um veículo, todos os demais também poderão fazê-lo, ainda que, em alguns casos, seja necessário, por características informativas ou mesmo éticas, atribuir a informação ao concorrente que a noticiou primeiro e detém detalhes. Particularmente no caso aqui analisado, como veremos, não só houve a citação como as próprias mídias alimentaram-se com uma narrativa a partir da atuação do jornalista.

No jornalismo pré-digital, os furos deixavam mais evidente quem saíra na frente com a informação, além de que só era possível contrabalancear a vantagem do concorrente na edição do dia seguinte no caso dos jornais impressos, no próximo horário dedicado ao jornalismo na

---

<sup>4</sup> A noção de jornalista cidadão, conforme Aguiar e Barsotti (2012), diz respeito à possibilidade de qualquer usuário digital tornar-se um produtor de informação e colocar para circular uma notícia por meio de redes sociais digitais, sites ou blogs, capacidade antes restrita aos jornalistas profissionais.

emissora de rádio e televisão ou numa entrada ao vivo nas mídias audiovisuais. Além disso, as características de difusão de uma informação na internet podem dificultar que o furo seja mencionado como tal, pois o que se tem é uma circulação pautada menos pela nomeação da autoria e mais pelo interesse de cada usuário que ressignifica, complementa e altera cada informação ao colocá-la em circulação em seus circuitos de influência, como ocorre, por exemplo, nas redes sociais digitais.

Pena (2010) lembra que, nas rotinas produtivas do jornalismo, o furo de reportagem também se relaciona a critérios ideológicos e à negociação:

O repórter negocia com o editor, que negocia com o diretor de redação, e assim por diante. E os próprios critérios estão inseridos na rotina jornalística, ou melhor, tornam possível essa rotina, pois são contextualizados no processo produtivo, em que adquirem significado, desempenham função e tornam-se elementos dados como certos. (PENA, 2010, p. 73)

Há de se considerar ainda que, como instância de poder, esse processo de negociação entre repórteres, editores e direção de jornais envolve elementos ideológicos, compreendidos não só na relação com o econômico e com as posições historicamente constituídas, mas também como uma esfera que atua de modo parcialmente inconsciente, como já demonstraram autores como Michel Pêcheux (1990).

Filiados que somos aos estudos do discurso jornalístico pelo viés dos teóricos franceses, não poderíamos deixar de mencionar o caráter da busca pelo furo a partir de uma memória que o considera como *status* para o jornalista. Travancas (2001) retrata essa configuração ao analisar as representações do jornalista no cinema, que o coloca como um herói que não mede esforços para encontrar a informação exclusiva e defender a sociedade. O cinema, como representação artística, nesse sentido, só materializa a memória da profissão.

Mesmo em termos mais cronológicos, a trajetória histórica do jornalismo indica o furo de reportagem como característica intrínseca à competição. Bourdieu (2005, p. 44), inclusive, ao inserir o jornalismo em sua teoria social, defende o papel legitimador da concorrência para a delimitação de um campo:

Um campo é um campo de forças e um campo de lutas. Em outras palavras, existe a competição para a apropriação legítima do que está em disputa na luta

no campo (...) E, no campo do jornalismo, existe a permanente competição para apropriar-se dos leitores, é claro, mas também para apropriar-se do que é pensado para assegurar leitores, em outras palavras, o acesso às notícias em primeira mão, o “furo”, a notícia exclusiva, e também a raridade distintiva, “grandes nomes”.

Em estudo localizado e de observação de práticas em redações, Adghirni (2002) ressalta essa questão a partir de considerações sobre a importância do furo como estímulo aos jornalistas, após acompanhar rotinas produtivas em *O Globo*, na *Folha de S. Paulo* e no *Correio Braziliense*. O furo é, para a autora, simbolizado como uma espécie de força motriz de uma redação:

Só o ‘furo’ pode tirá-los [os jornalistas] da monotonia das rotinas produtivas, mas o ‘furo’, além de não estar na pauta, torna-se raro nos sistemas de cobertura atual, em que a informação passa pelo sistema on-line das agências de notícias. O furo não pertence mais ao repórter do jornal mas à agência da empresa para a qual trabalha (ADGHIRNI, 2002, p. 465).

Oliveira (2014) também desenvolveu trabalho de análise, a partir de entrevistas com jornalistas de grandes agências brasileiras – *O Globo*, *Folha* e *Estado* –, para identificar de que modo o esquema contemporâneo de produção da notícia afeta a busca e a propagação de furos de reportagem. As conclusões do estudo direcionam-se para o fato de que, apesar das novas configurações da internet e do papel das agências, “o furo de reportagem, pelo seu ‘caráter extraordinário’, ainda é assegurado com total exclusividade ao jornal carro-chefe, produtor da informação, para em seguida ser disponibilizado pelos serviços noticiosos” (OLIVEIRA, 2014, p. 15). Além disso, numa tentativa de reflexão e (re)atualização dos valores-notícia conforme definidos por Wolf (2002), a autora conclui que, seja pelo efeito de memória do que significa o furo, seja pelo interesse pessoal do jornalista ou pelas questões comerciais, a busca pela exclusividade justifica-se por três aspectos: 1) o poder ou potencial de repercussão da notícia; 2) a afetação à sociedade e 3) o reconhecimento pelos demais veículos, ou seja, pelos pares.

Diante desse contexto, propomos neste trabalho uma reflexão sobre o furo de reportagem dado pelo jornalista Lauro Jardim, do jornal *O Globo*, envolvendo o presidente da República, Michel Temer (PMDB), e o empresário Joesley Baptista, divulgado no blog do jornalista, no site do

jornal impresso *O Globo*, no dia 17 de maio de 2017. O estudo de caso é baseado na análise descritiva, que busca, conforme define Gil (2008), apresentar as características de determinado fenômeno ou população, oferecendo, assim, elementos que ajudem a compreender a complexidade das diferentes esferas sociais. Foram recuperadas para esta análise entrevistas dadas por Lauro Jardim a vários veículos de comunicação após a publicação do furo de reportagem. As informações divulgadas nesses materiais são contrastadas com o referencial teórico.

### **O caso: a fala do presidente é gravada por um empresário**

Listado em 2016 como um dos 15 maiores bilionários do Brasil em levantamento da revista *Forbes*<sup>5</sup>, o empresário Joesley Baptista é um dos donos da JBS, uma das principais empresas do ramo do agronegócio no País. Desde 2016, está constantemente no noticiário político brasileiro, pelo fato de investigações da Polícia Federal darem conta de que o enriquecimento do empresário teria ocorrido de modo ilícito e ligado ao desvio de dinheiro público. Em julho de 2016, o empresário foi alvo de investigações na Operação Lava-Jato, pela suspeita de que teria feito pagamento de propinas ao então deputado e ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB-RJ), para liberação de recursos do Fundo de Investimento (FI) do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

No dia 17 de maio de 2017, o jornalista Lauro Jardim, em blog sobre política que mantém no site do jornal *O Globo*<sup>6</sup>, divulgou que Baptista, em delação premiada no contexto da Operação Lava-Jato, entregara gravação feita na noite de 7 de março de 2017, de uma conversa com o presidente Temer, na residência oficial em Brasília. Além do presidente, o então senador Aécio Neves (PSDB-MG) também foi gravado pedindo R\$ 2 milhões a Joesley. A existência do diálogo que veio a público como furo de reportagem tratava de uma (suposta) compra do

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/quem-sao-as-15-familias-mais-ricas-do-brasil-segundo-a-forb/>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>6</sup> O jornalista teve passagens por veículos como as revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Exame*. Trabalhou no jornal *O Globo* no começo da carreira, em 1989, e retornou à mesma redação em 2015, para atuar em blog especializado em política, disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/>. Acesso em: 15 set. 2017.

silêncio de Eduardo Cunha, que já estava preso<sup>7</sup>. A divulgação do fato instalou uma crise no governo e, uma semana depois da divulgação, o empresário e a família se mudaram para Nova York. Temer, na mesma noite do furo, negou, em nota, que teria solicitado quaisquer pagamentos<sup>8</sup>.

Os desdobramentos e a continuidade das investigações culminaram na prisão temporária de Baptista pela Polícia Federal em 10 de setembro de 2017, a pedido da Procuradoria Geral da República. O pedido foi aceito pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Em 13 de setembro, ele teve a prisão preventiva decretada pela 6ª Vara Federal Criminal de São Paulo<sup>9</sup>.

### **Da negociação ao furo: rotina produtiva e narrativa no caso Joesley**

O furo de reportagem de Lauro Jardim foi ao ar no blog que leva o nome do jornalista, no site do jornal *O Globo*, às 19h30<sup>10</sup>, o que significa cerca de 45 minutos antes da entrada no ar do principal telejornal do Brasil, produzido pela *TV Globo*, o *Jornal Nacional*. A notícia foi publicada somente com texto, sem os áudios, só acrescentados ao mesmo blog no dia seguinte, quando divulgados pela Justiça.

As circunstâncias da divulgação da informação demonstram que, nas configurações atuais do jornalismo na internet e no contexto das redes de comunicação, das quais as *Organizações Globo* são um dos principais exemplos no mundo, o furo de reportagem carrega, além dos critérios relativos à substância do fato, ao produto, ao meio e à concorrência, elementos próprios de um planejamento editorial que satisfaz elementos mercadológicos, ideológicos e de um jornalismo convergente e em rede. Ademais, uma narrativa sobre o próprio furo foi construída na sequência.

---

<sup>7</sup> A notícia com o furo está disponível, embora com atualizações que se seguiram, em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/temer-nega-ter-solicitado-pagamentos-para-obter-silencio-de-cunha-21354861#ixzz4tJeGh8KL>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>9</sup> Como o caso e as investigações estão em curso no momento da escrita deste artigo, detivemo-nos às informações básicas para caracterizar o fato divulgado como furo de reportagem. Mais informações sobre as investigações envolvendo o empresário podem ser obtidas em: <http://exame.abril.com.br/negocios/alem-da-lava-jato-as-investigacoes-que-envolvem-jbs-e-jf/>. Acesso em: 20 set. 2017.

<sup>10</sup> A notícia está disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>.

Jardim concedeu, nos dias seguintes, diversas entrevistas sobre o assunto, em que narrava parte dos bastidores. Nesse sentido, já se percebe o reconhecimento dos pares de que fala Oliveira (2014), além do potencial de divulgação da notícia por outros veículos, atribuindo a autoria ao jornalista. As entrevistas foram concedidas tanto a veículos do grupo, tais quais o próprio jornal *O Globo* e à rádio *CBN*, como a meios de comunicação de propriedade de outras corporações, como o jornal *Metro*, e a produtos laboratoriais, como o *Editorial J*, produzido pela Faculdade de Comunicação da PUC-RS (Famecos).

A credibilidade do jornalista foi reforçada pelos entrevistadores, que ressaltavam, em geral, que, mesmo sem ter acesso aos áudios, Lauro Jardim não divulgaria uma informação se não tivesse completa certeza da veracidade<sup>11</sup>. Isso se fazia importante também pelo fato de que Jardim deixava claro, nas entrevistas do dia 18 de maio, que não tivera acesso aos áudios, mas sim às transcrições:

O áudio está em poder dos procuradores. Foi devidamente ouvido pelos procuradores. Ele é claríssimo. Ele vai aparecer em seu tempo. Em algum momento o sigilo será levantado. Os diálogos vão estar disponíveis para a população toda. Eu tenho a transcrição, eu não ouvi os diálogos<sup>12</sup>.

Os áudios só foram divulgados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) cerca de 24 horas depois da notícia dada por Jardim e após terem sido enviados a Temer na tarde do dia 18. Tanto na publicação do furo, quanto nas matérias que se seguiram, percebe-se a geração de expectativas, o que faz parte dos critérios relativos à concorrência, conforme definido por Wolf (2002, p. 214): “a competição gera expectativas recíprocas, no sentido em que pode acontecer que uma notícia seja selecionada porque se espera que os *mass media* concorrentes façam o mesmo”.

As entrevistas destacaram o trabalho investigativo do jornalista, sempre dando espaço para que fosse transmitida a informação de que foram cerca de três semanas de trabalho. Reiteradas vezes, Jardim também teve a oportunidade de afirmar que “era preciso esperar o **momento**

---

<sup>11</sup> É o caso da entrevista concedida ao jornalista José Luis Datena, na *Rádio Bandeirantes*, disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/brasil/2017/05/18/fiquei-impresionado-diz-lauro-jardim-jornalista-que-revelou-delacao-da-jbs.html>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/brasil/2017/05/18/fiquei-impresionado-diz-lauro-jardim-jornalista-que-revelou-delacao-da-jbs.html>. Acesso em: 15 set. 2017.

**certo** para a publicação” e que os últimos três dias tinham sido de “intenso trabalho”<sup>13</sup>. A ação pessoal de Lauro Jardim sempre é enfatizada, abrindo espaço para suítes/continuidades. Nessas participações, o jornalista destacava também a importância da fonte que, havia três semanas, lhe transmitira a informação. Na narrativa sofre o furo, iam surgindo outros personagens como “o chefe”, como ele se refere, na rádio *CBN*, ao jornalista Ascânio Seleme, diretor de *O Globo*. “No fim de semana, comuniquei ao diretor de redação que eu tinha essa reportagem e que ela poderia ser publicada a qualquer momento<sup>14</sup>” (BERTÃO FILHO; RODRIGUES, 2017).

“O momento certo” da divulgação da informação foi não somente a data da homologação da delação de Joesley pelo STF, mas também um horário em que o furo pudesse ser aproveitado para reforçar a credibilidade do veículo: só para se ter uma ideia do que isso significa, de acordo com o Ibope<sup>15</sup>, o plantão jornalístico da *TV Globo*, que interrompeu a programação minutos depois da publicação da notícia no blog, foi o que conseguiu maior audiência em toda a história. Nesse momento, entra a discussão sobre rede: fica nítido um interesse em permitir que a audiência do *Jornal Nacional* naquele dia pudesse ser impulsionada e que, ao mesmo tempo, fosse valorizado o produto impresso, uma vez que se tratava do blog do jornal *O Globo*. Além de uma audiência superior à média do ano, o telejornal, antes de ir ao ar, já estava entre os tópicos mais discutidos em redes sociais digitais como o *Twitter*. Era a comunicação em rede se materializando a partir das condições de produção.

Para a concorrência, que também mantém telejornais à noite, restava apenas reproduzir e reforçar o furo dado por Jardim e pelo jornal. Como o áudio a que o jornalista se referia só fora divulgado no dia seguinte, todas as reportagens sobre o assunto abordavam o furo, em geral, ouvindo o próprio jornalista. Evidencia-se, aí, não somente a relação autoral do repórter com a informação que divulga, mas também o papel da credibilidade e da memória, bem como das condições de produção, que se projetam no imaginário dos interlocutores: um governo com baixa aprovação e uma investigação bilionária conduzida há anos (Lava-Jato), com diversas

---

<sup>13</sup> Trechos extraídos de entrevista à rádio *CBN*, disponível em: <https://miltonjung.com.br/2017/05/18/e-de-cair-o-queixo-e-vem-mais-por-ai-diz-lauro-jardim-que-revelou-informacoes-das-delacoes-da-jbs/>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>14</sup> Entrevista de Lauro Jardim concedida a Italo Bertão Filho e Samira Rodrigues (2017). Disponível em: <http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/reflita/praticamente-nao-dormi-essa-semana-diz-lauro-jardim/>. Acesso em: 15 set. 2017.

<sup>15</sup> Informação disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/o-ibope-alto-da-crise.html>. Acesso em: 20 set. 2017.



prisões realizadas, constituíam também o cenário para um discurso que, mesmo sem mostrar a prova (os áudios), tornou-se crível.

A logística e a estratégia de rede relacionadas ao furo também foram evidenciadas por Jardim em entrevistas, demonstrando a preocupação com a concorrência:

Eu queria publicar logo porque podia vazar, então, a partir dali, nós começamos a montar uma estratégia com um grupo muito fechado. No dia em que [a reportagem] foi divulgada, somente cinco pessoas sabiam disso [...] Uma reportagem como essa precisa de sigilo, porque não podia vazar. Internamente, pouquíssimas pessoas sabiam disso. Então, marcou-se um horário para poder colocar no ar, já que se sabia que a audiência do site iria crescer, houve uma preparação de estrutura para não cair o site. (BERTÃO FILHO; RODRIGUES, 2017)

O trecho dessa entrevista dá a dimensão de um planejamento para a publicação do furo. A credibilidade de Lauro Jardim e do jornal *O Globo*, bem como as informações que o jornalista possuía, certamente, possibilitavam que a notícia pudesse ter sido divulgada antes. Ele informa ter as informações necessárias para a publicação havia três dias, mas, estrategicamente, o fim de semana não era a melhor data, pelo desdobramento inferior que, hipoteticamente, o fato teria. Além disso, a comunicação em rede e a opção pela plataforma internet exigiram providências técnicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O furo dado por Lauro Jardim contribui para as reflexões sobre o ciberjornalismo e sobre o jornalismo em rede por várias razões e também coloca-nos questões metodológicas para o estudo do fenômeno jornalístico contemporâneo. Sobre o primeiro desses dois tópicos, o furo jornalístico vem acompanhado pela difusão das informações e pelas condições de produção de uma narrativa. O que está em jogo não é apenas o fato em si, mas como esse fato é divulgado, de modo a torná-lo crível para os interlocutores. Nesse caso específico, além do conteúdo, criou-se um protagonista que, até o momento em que os áudios foram divulgados, ficou no centro da narrativa sobre o fato: o próprio jornalista, corroborando que, não só no cinema, como analisou Travancas (2001), mas no próprio jornalismo, numa prática de metalinguagem, o

repórter que consegue o furo ganha a dimensão de um “herói”. Para isso, foi usada a demonstração do esforço, dos receios e das estratégias para conseguir as informações. Nesse caso particular, a dimensão da denúncia, a ausência dos áudios no momento do furo e a escolha da data em que a delação foi homologada para divulgação da informação facilitaram para que a autoria ganhasse destaque. Ao lado dos critérios de noticiabilidade, nesse caso específico, a narrativa sobre o furo fez parte da constituição do fato. Além disso, diferente da ideia de que o furo pertence a uma agência e/ou veículo, houve uma narrativa que, a exemplo do que destacou Bourdieu (2005), envolveu o culto ao nome como elemento constituinte do campo do jornalismo.

A narrativa em torno do jornalista não só dá crédito a quem é devido, mas também facilita que se possam compreender as estratégias envolvidas, a logística e a negociação em torno da publicação, cruzando os dados com informações quantitativas como a audiência e o número de acesso. Boa parte da descrição sobre a constituição do furo, que pode ser útil a estudiosos do jornalismo e a estudantes de graduação e pós, só é possível em razão das informações divulgadas pelo próprio Jardim nas entrevistas concedidas.

Apesar do aspecto metodológico ressaltado, há de se considerar que a dinâmica de atualizações na internet também pode ser um complicador para pesquisas e análises como a que realizamos aqui. Isso porque o próprio texto original do furo não está mais disponível, em função de diversas atualizações e *links* que vieram na sequência. No momento da escrita deste artigo, por exemplo, o blog de Lauro Jardim informava a quem visita a notícia “Dono da JBS grava Temer dando aval para compra de silêncio de Cunha” que, apesar de publicada originalmente às 19h30 do dia 17/06/2017, ela fora atualizada pela última vez às 12h17 do dia 23/06/2017. Uma análise mais detalhada da narrativa no ciberjornalismo coloca, ao pesquisador, essa dificuldade de acompanhamento, uma vez que a atualização é em tempo real e nem sempre estão claras que tipo de informações foram acrescentadas ou alteradas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADGHIRNI, Zélia Leal. Rotinas produtivas do jornalismo em Brasília. In: PORTO, Sergio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Ed. Unb, 2002.

AGUIAR, Leonel Azevedo; BARSOTTI, Adriana. Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo on-line. *Alceu*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 5-19. Disponível em: [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/artigo1\\_25.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/artigo1_25.pdf). Acesso em: 10 set. 2017.

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

BERTÃO FILHO; Ítalo; RODRIGUES, Samira. Praticamente não dormi essa semana, diz Lauro Jardim. *Editorial J*. 19 maio 2017. Disponível em: <http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/reflita/praticamente-nao-dormi-essa-semana-diz-lauro-jardim/>. Acesso em: 15 set. 2017.

BOURDIEU, Pierre. The political field, the social science field, and the journalistic field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. *Bourdieu and the journalistic field*. Cambridge: Polity Press, 2005, p. 29-47.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Hebe M. G. A natureza do furo de reportagem: da perspectiva histórica para uma construção teórica. *Comunicação e Informação*, v. 17, n. 1, Goiânia: UFG. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/27756/16822>. Acesso em: 1 set. 2017.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalista como personagem de cinema. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2TRAVANCAS.pdf>. Acesso em: 1 set. 2017.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2002.